

Editora
Universitária UFPE



**CULTURA E
SOCIABILIDADES
NO MUNDO ATLÂNTICO**

organizadores

Sueley Creusa Cordeiro de Almeida
Marília de Azambuja Ribeiro
Gian Carlo de Melo Silva

Suely Creusa Cordeiro de Almeida
Gian Carlo de Melo Silva
Marília de Azambuja Ribeiro
(Organizadores)

CULTURA
E SOCIABILIDADES
NO MUNDO ATLÂNTICO

Recife, 2012

Editora
Universitária  UFPE

TERCEIRA PARTE – Escravidão e Mestiçagem323

Los negros esclavos como bienes heredables, según los testamentos de Toluca en el siglo XVII..... 325
Georgina Flores García e Belén Benhumea Bahena

Pai zeloso, cristão e senhor de escravos: o caso de José Henrique Pereira Brainer - Pernambuco, limiar dos séculos XVIII e XIX 339
Gian Carlo de Melo Silva

Negros e mestiços nas guerras da Colônia do Sacramento (1680-1777)..... 349
Paulo Cesar Possamai

Exóticas denominações: manipulações e dissimulações de qualidades de cor no reino de Angola na segunda metade do século XVII 369
Roberto Guedes

San Martín de Porres: um santo mulato no vice-reino do Peru 399
Eliane Garcindo de Sá

A Irmandade de São Gonçalo Garcia em Pernambuco: a apoteose dos Homens Pardos em Recife (1745) 425
Marcos Antonio de Almeida

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

Vice-Reitor: Prof. Sílvio Romero Marques

Diretora da Editora UFPE: Profª Maria José de Matos Luna

Comissão Editorial

Presidente: Profª Maria José de Matos Luna

Titulares: Ana Maria de Barros, Alberto Galvão de Moura Filho, Alice Mirian Happ Botler, Antonio Motta, Helena Lúcia Augusto Chaves, Liana Cristina da Costa Cirne Lins, Ricardo Bastos Cavalcante Prudêncio, Rogélia Herculano Pinto, Rogério Luiz Covaleski, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque, Vera Lúcia Menezes Lima.

Suplentes: Alexsandro da Silva, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Eduardo Antônio Guimarães Tavares, Ester Calland de Souza Rosa, Geraldo Antônio Simões Galindo, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Marlos de Barros Pessoa, Raul da Mota Silveira Neto, Silvia Helena Lima Schwamborn, Suzana Cavani Rosas.

Editores Executivos: Afonso Henrique Sobreira de Oliveira e Suzana Cavani Rosas

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

C968 Cultura e sociabilidades no mundo atlântico / organizadores: Suely Creusa Cordeiro de Almeida, Gian Carlo de Melo Silva, Marília de Azambuja Ribeiro. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. 544 p.

Vários autores.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN: 978-85-415-0084-5

(broch.)

1. História Moderna 2. Brasil – História – Período Colonial – 1500-1822 3. Igreja e o mundo. 4. Feminismo. 5. Escravidão. 6. Miscigenação. I. Almeida, Suely Creusa Cordeiro de (Org.). II. Silva, Gian Carlo de Melo (Org.). III. Ribeiro, Marília de Azambuja (Org.).

981.03

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2012-070)

Agradecimentos

Cultura e Sociabilidades no Mundo Atlântico e Poder e Administração no Mundo Atlântico são obras que resultaram de um trabalho coletivo iniciado em finais de 2008 quando as Universidades públicas pernambucanas, através de seus professores de História Colonial, aceitaram o desafio de realizar no Recife, em 2010, a 3ª versão do Encontro Internacional de História Colonial. Para sua edição nas antigas terras de Duarte Coelho, a comissão organizadora buscou articular os debates que norteiam a História Colonial, especialmente no espaço Atlântico, levando a temática central a intitular-se: *Cultura, poderes e sociabilidades no Mundo Atlântico*.

Para realização do encontro, e consequentemente dos volumes que apresentamos ao público, contamos com o apoio de pessoas e instituição às quais desejamos expressar nosso agradecimento, pois sem elas teria sido impossível realizá-los. Em primeiro lugar a todos aqueles que participaram do evento em 2010 nas mais variadas atividades. Aos discentes das instituições envolvidas e que atuaram nos bastidores por meses. Aos que disponibilizaram seus trabalhos, fruto de pesquisas inéditas e ainda em andamento para compor os livros que hoje entregamos à comunidade científica.

As instituições que abrigaram e financiaram o evento não podem ser esquecidas. Nosso agradecimento à Universidade Federal de Pernambuco, que através da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História e da Direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas nos cedeu o espaço físico e nos apoiou financeiramente. À Universidade Federal Rural de Pernambuco e ao Programa de Pós-Graduação em História, pelo apoio financeiro e acolhida à ideia, e à Universidade de Pernambuco pelo apoio. À FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco), instituição que sempre tem amparado nossas promoções acadêmicas e que não nos faltou também no 3º Encontro Internacional de História Colonial. E, por fim, mas não menos importante, ao apoio dado pela CAPES

A Irmandade de São Gonçalo Garcia em Pernambuco: a apoteose dos Homens Pardos em Recife (1745)

Marcos Antonio de Almeida
Universidade Católica de Pernambuco

A Irmandade de São Gonçalo Garcia dos Homens Pardos do Rio de Janeiro já tem sido alvo de pesquisas e estudos.³⁰ A que surge no Recife, em 1745, ainda não despertou interesse nos historiadores. A que se estabelece no Recife antecede, portanto, a do Rio de Janeiro. No ano de 1745, por ocasião da transferência da imagem do santo da igreja dos franciscanos do Recife para a igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento, uma série de eventos “acadêmicos”, culminando com uma procissão, revela uma sociedade em transição. A procissão em honra de São Gonçalo Garcia nos revela um grupo em ascensão haja vista a dimensão simbólica do cortejo sagrado nas ruas do Recife. Em torno do santo, as diversas camadas sociais, ricos e pobres, brancos, pardos e negros, religam o Brasil à Ásia através da figura do franciscano mestiço martirizado no Japão em 1597. A pesquisa sobre esta devoção mestiça nos permitirá abrir novas abordagens sobre a compreensão da formação da sociedade brasileira. Transportando a Ásia para Pernambuco, a Irmandade de São Gonçalo Garcia cruza os distintos mundos separados pelo pigmento da pele. Segundo Serge Gruzinski, o complexo processo de mestiçagem pode ser apreendido pela “colonização do imaginário”.³¹ A devoção a um santo mestiço inspira e provoca a reflexão sobre a condição da população do Brasil no século XVIII. Os Homens Pardos do Recife veem seus rostos, mas duvidam que eles possam representar a comunidade mulata por duvidarem da qualidade mestiça da estátua que lhes é apresentada. Acreditamos que só repertoriando esse grupo poderemos traçar algumas pistas mais consistentes sobre a evangelização

³⁰ LINS, Rachel Caldas; ANDRADE, Gilberto Osório de, *São Gonçalo Garcia: um culto frustrado*. Recife: FUNDAJ/Editora Massangana, 1986.

³¹ GRUZINSKI, Serge, *La colonisation de l'imaginaire. Sociétés indigènes et occidentalisation dans le Mexique espagnol (XVI-XVIII siècle)*. Paris : Gallimard, 1988.

colonial como a base da criação do Homem Pardo, do mulato ou do mestiço no Brasil.

Em sua obra original, *O cristianismo Moreno do Brasil*, nos anos 90, Eduardo Hoornaert traz à tona uma evangelização que colaboraria no processo histórico de uma mestiçagem alicerçada pelas práticas religiosas de negros e pardos¹. Considerando que os Homens Pardos de Recife tornaram-se um grupo referencial de ascensão social e econômica no século XVIII, acreditamos que teriam existido nessa sociedade mecanismos que possibilitaram uma tomada de consciência desse grupo e, em maior ou menor grau, o reconhecimento da sociedade.

Em 1745, Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão é o pregador escolhido para apresentar São Gonçalo Garcia. Esse é o ponto de partida a partir do qual pensamos a sociedade pernambucana. Esse sermão poderia esclarecer algumas questões acerca da mestiçagem no Brasil e, sobretudo, ele poderia nos descortinar as várias faces da sociedade colonial brasileira.

A devoção a um santo *pardos* (mulato) incomoda o cotidiano da “nobreza da terra” e da plebe. A problemática da cor impunha dificuldades às gentes. A cor suscita outras questões mais profundas de pertença identitária e de crença. Serge Gruzinski, em *La pensée métisse*, sugere que o historiador não pode mais escapar às preocupações do presente, pois elas se revelam cada vez maior amplitude num contexto de globalização e mundialização.² As conquistas modernas provocaram mudanças nas concepções até então críveis sobre o mundo e sobre o homem. O árduo trabalho do homem moderno consistiu em se situar nas novas formas de compreender e articular os tempos vividos e suas consequências. O Tempo Moderno apresenta pontos fundamentais do processo de trocas culturais com o advento das Américas. Segundo Gruzinski, muitas problemáticas resultantes do encontro cultural dos continentes permanecem, sobretudo, no que tange à questão de situar

¹ HOORNAERT, Eduardo, *O cristianismo moreno do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991.

² GRUZINSKI, Serge, WACHTEL, Nathan, (Org.), *Le Nouveau Monde, Monde Nouveaux*. L'expérience américaine. Colóquio realizado em Paris, em 1992. Paris : Éditions de l'EHESS, 1996, p. 92.

as Américas em face ao local e ao global.³ Em *Régime d'historicité*, François Hartog mostra a relação entre presente, passado e futuro sublinhando que o presente se consolida como o referencial e não mais o passado nem o futuro.⁴

Pardo e *Mulato* são utilizados no século XVIII para identificar o mesmo grupo, pessoas de pais Brancos e Negros, resultado da união entre a Europa e o Brasil ou a África. Essas palavras têm, entretanto, significações distintas. *Pardo* é utilizado para designar um grupo social reconhecido por sua ascensão social. Eles são legitimados por sua importância nas confrarias religiosas que os congrega e os ajuda a superar as contradições sociais da vida colonial. *Mulato*, em contrapartida, é frequentemente empregado para indicar o caráter suspeito de um indivíduo.

Grupo sócio-econômico em processo de consolidação. na América Portuguesa, os Homens Pardos mostram seu poder de mobilização revelando, dessa forma, capacidades de se inserirem num momento preciso de transição política e religiosa no Império Português. O que se passa em Recife, em 1745, se situa no final do reinado de Dom João V (1706-1750) e às vésperas do início do reinado de Dom José I (1750-1777). Os *pardos* de Pernambuco parecem querer encontrar um lugar na nova configuração da monarquia portuguesa. O fato de serem *pardos* os obriga a superar obstáculos; eles devem primeiramente se impor em face aos que lhes são diferentes, principalmente aos brancos. O drama da exclusão a partir da cor se acentua com mais visibilidade nas Américas no século XVII e XVIII. Mas, no século XVIII as contradições presentes na sociedade colonial brasileira toma rumos inesperados: a ascensão do grupo de pardos vai progressivamente se impondo, ele se aproveita de todas as brechas possíveis para se afirmarem nos diversos segmentos sociais. Se por um lado, os pardos interagem com os outros grupos, por outro lado, há grupos que resistem em inclui-los no seio

³ GRUZINSKI, Serge, *Les quatre parties du monde*. Histoire d'une mondialisation. Paris : Éditions de La Martinière, 2004.

⁴ HARTOG, François, *Régime d'historicité*. Présentisme et expériences du temps. Paris : Seuil, 2003.

socialmente.⁵

Em Pernambuco, a Ásia e sua produção religiosa prefiguraria um sinal de inclusão dos *Pardos* de Pernambuco. Da vila de Recife ao Japão, a longa distancia não é obstáculo para se apresenta novas formas de encarar a questão da mestiçagem no Brasil. Uma devoção, uma Procissão, uma missa e um sermão, uma festa e encontros de eruditos são pontos de partida para constatar a resistência dos Homens Pardos do Recife face as tensões que os afligem.

I – As confrarias

Associadas ao ciclo da economia das minas de ouro, as *Confrarias* reagrupavam as pessoas pela pigmentação da pele, pela origem social e/ou pela profissão. Elas se desenvolveram em todas as regiões do Brasil⁶. Nas Minas Gerais, as confrarias tiveram uma notável ascensão.⁷ No que concerne aos estudos sobre as Irmandades em Pernambuco, temos um longo caminho a percorrer. O que parece comum em todos os espaços ocupados pelas Irmandades é que através de uma economia interna e pelas estruturas que elas criaram, as *Irmandades* tiveram um papel fundamental na sociabilidade entre as diversas classes sociais, produzindo elos de solidariedade que lhes permitiram seguir e, sobretudo, aspirar a um lugar no conjunto da sociedade colonial. As minas e o ouro contribuíram para uma ascensão social local como também para uma intervenção na colônia como um todo. A Igreja que durante todo o período colonial nunca se pronunciou

⁵ GRUZINSKI, Serge, *Les hommes-dieux du Mexique*. Pouvoir indien et société coloniale (XVI^e-XVIII^e siècles). Paris : Éditions des Archives Contemporaines, 1985 ; BONETT, Margarita Moreno, *Nacionalismo novohispano*. Mariano Veytia : historia antigua, fundación de Puebla, guadalupanismo. México : Universidad Nacional Autónoma de México, 1983.

⁶ QUINTÃO, Antonia Aparecida, *La vem o meu parente*. As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

⁷ BOSCHI, Caio Cesar, *Os leigos e o poder*. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986; SCARANO, Julita, *Negros na terra do ouro*. Cotidiano e solidariedade no século XVIII. São Paulo: Brasiliense, 2002; Idem, *Cotidiano e solidariedade*. Vida diária de gente de cor nas Minas Gerais (Século XVIII). São Paulo: Brasiliense, 1994.

contra a escravidão africana, paradoxalmente foi o espaço no qual elas nasceram, cresceram e criaram um rosto próprio. O rosto branco, negro e pardo.⁸ Basta lembrar que, em 1707, o Sínodo da Bahia confirmou a prática da escravidão sob o prisma e do senhor. Em 1730, o bispo de Pernambuco, José Fialho⁹, apresentava para a sua diocese quarenta e cinco paróquias e quarenta missões. Dom José Fialho insistiu fortemente acerca do seu clero não mencionando em nenhum momento a existência das Irmandades. Entretanto, o seu secretário particular, o franciscano pernambucano João da Apresentação Campelli¹⁰, indica possuir entre as suas correspondências uma em particular, esta « Carta ao author do Discurso prégado na nova celebridade do B. Gonçalo Garcia ». O destinatário dessa carta seria, provavelmente, endereçada a Antônio da Apresentação, franciscano que teria escrito e realizado um sermão na catedral de Salvador por ocasião, também, das celebrações da beatificação de Gonçalo Garcia. Essa carta poderia nos fornecer informações mais precisas sobre os devotos pardos de São Gonçalo Garcia, mas infelizmente dessa carta só conhecemos o título. Por outro

⁸ CARVALHO, Jose Geraldo Vidigal de, *A Igreja e a escravidão*. As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Trabalho apresentado no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, 15 de junho, 1988, Ouro Preto/MG: UFOP/Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 1988.

⁹ Nascido em 13 dezembro de 1673, em Braga, José Fialho entra no mosteiro cisterciense de Alcobaca. Ele foi apresentado por Dom João V para ocupar o bispado de Olinda em 25 de novembro de 1722 e foi confirmado por Bento XIII em 21 de fevereiro de 1723. Em 3 de outubro de 1739, foi nomeado para o arcebispado da Bahia. RUBERT, Arlindo, *Expansão territorial e absolutismo estatal (1700-1822)*, vol. III, Santa Maria/RS: Editora Palotti *A Igreja no Brasil*, 1988, pp. 62-63.

¹⁰ Nascido em 1690, no Recife. Filho de Baptista Campelli e Brites Bandeira de Melo, ele estudou na Bahia com os jesuítas. Em 20 de novembro de 1708, ele ingressou na Ordem franciscana. Foi professor nos conventos de Olinda e de Recife. Ele chamou a atenção do bispo que o tomou por seu confessor e Examinador Sinodal da diocese de Pernambuco. Por ocasião da mudança de Dom José Fialho para o bispado da Guarda, em Portugal, João da Apresentação Campelli o levou consigo e o nomeou professor de Teologia Moral na sua diocese de Guarda, em Portugal. Em 1740, frei João da Apresentação Campelli participou do Capítulo Geral da Ordem, em Valadolide. MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca lusitana: historia, critica, e cronologica na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuseram desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*. Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759, vol. II, p. 729.

lado, Um outro franciscano, luso-brasileiro, Apolinário da Conceição¹¹, Procurador Geral em Lisboa pela Província franciscana da Imaculada Conceição do Rio de Janeiro, em sua obra *Pequenos na terra, grandes no céu...*, nos apresenta a tradução de um trecho de uma correspondência de um cristão japonês a São Gonçalo Garcia¹².

O século XVIII é o século mais movimentado da história da implantação e do desenvolvimento da Igreja no Brasil. A hierarquia católica conhece momentos de instabilidade interna. A máquina administrativa portuguesa, frequentemente em conflito com a cúria romana, a impede de colocar em prática um dispositivo eclesiástico mais eficiente e dinâmico¹³. Apesar das constantes crises entre a Igreja

¹¹ Apolinário nasceu em Lisboa, aos 23 de julho de 1692 e ingressou na Ordem franciscana no convento de São Francisco, em São Paulo, aos “ de dezembro de 1711. Segundo Aranha, Apolinário vivi, em 1759, vivia ainda no Brasil. Cf. SILVA, Innocencio Francisco da & ARANHA, Brito, *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Biblioteca Virtual dos Descobrimientos Portugueses, Coordenação Científica de André Belo, Volumes 1 a 23. Lisboa, 2001, vol. VIII, p. 300. Para Sebastião Ellebracht, ele teria morrido no terremoto ocorrido em Lisboa, em 1755. no Rio de Janeiro ELLEBRACHT, Sebastião, « Religiosos franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Brasil na colônia e no Império », *Vida Franciscana*, Revista da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, Vozes, 1990. 431p. pp. 75-76.

¹² “Nóssoutros os Christãos, que em nossa Gentilidade fomos Bonzos. A vós Fr. Gonçalo Garcia do bendito habito de S. Francisco, vos pedimos pelas entranhas de Deos, que pois nos fizestes deixar nossos Templos, e rendas, e nos convertestes á Fé, tenhais misericórdia de nós outros, que andamos pelos dezertos, e montes, sustentandonos com a fructa silvestre delles, sem comunicar pessoa alguma. E porque sabemos que os frades dessa Religião tem muita lhaneza e são muito pobres, os rogamos que venhaõ a buscar almas a esta terra, onde se perdem infinitas por falta de Pregadores. Os Christãos de Firando, que são três mil, e os de Xique, e outros muitos por suas Cartas pedem o mesmo.” CONCEIÇÃO, Apolinário da, *Pequenos na terra, grandes no ceo*. Memórias históricas dos religiosos da ordem seráfica, que do humilde estado de Leigos subiraõ ao mais alto gráo de perfeiçãõ. Parte I dedicadas ao grande Patriarcha, Antesignano de Jesu Christo, o serafico padre Saõ Francisco, e escrita por Fr. Apolinario da Conceição, Religioso Leigo da Provincia da Immaculada Conceição de nossa Senhora do Rio de Janeiro, do Instituto Capucho, e natural da Cidade de Lisboa Occidental. Lisboa, na Officina do Doutor Manoel Alvarez Sollano, 1754.

¹³ A Igreja está sob a tutela do rei. O Padroado lhe dá total autonomia para instituir e destituir quem quer que seja. Cabe ao rei nomear bispos, párocos e missionários para as Aldeias. Depois de decisão tomada, o rei apenas notifica a cúria romana – para receber a confirmação. Nessas circunstâncias particulares percebe-se frequentemente o interesse do Padroado português em nomear bispos portugueses nas principais dioceses do Brasil. Dos cinquenta e sete bispos do

a as autoridades portuguesas¹⁴, constata-se uma progressiva expansão das circunscrições eclesiásticas através das criações de novos bispados e de novas paróquias. As antigas missões indígenas são erigidas em vilas ou paróquias. À medida que a colônia expandia a sua geografia e estruturava o território do Brasil, a Igreja – apoiada no Estado Português – consolidava também o seu campo de ação evangelizadora. As Ordens religiosas perdem paulatinamente a hegemonia na Igreja do Brasil e o clero secular vai encontrando um espaço cada vez mais avantajado. Reforçando e reestruturando seu clero, o bispo retoma o seu poder em face à Igreja local até então quase totalmente conduzida pelas Ordens regulares.

As confrarias coloniais, sempre assistidas por clérigos das Ordens e pelo clero secular, conhece seu ápice no século XVIII. No arcebispado da Bahia, em 1735, existem 264 e, dez anos mais tarde, elas atingem o número de 279. Em Pernambuco, no final do século XVIII elas contavam mais de duzentas.¹⁵ As igrejas das Ordens religiosas eram os espaços onde as confrarias normalmente se apoiavam. Nos conventos franciscanos, elas eram numerosas: a Terceira Ordem da Penitência para os brancos e ricos, a Irmandade de São Benedito e de Santa Efigência para os Negros e São Gonçalo Garcia para os Pardos.

Ocupando espaços e realizando atividades evangelizadoras nos conventos franciscanos, essas Irmandades parecem ter construído novas formas e práticas de sociabilidade. No convento do Recife, a devoção

século XVIII, dez eram Brasileiros; trinta e seis do clero diocesano e vinte e um de Ordens religiosas diversas. Formados em Lisboa, esses bispos possuíam titulações acadêmicas diversificadas: os religiosos predominavam no campo da Teologia, o clero diocesano se especializava em Direito Civil, Direito Canônico e Filosofia. Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo da Bahia (1706-1722), era doutor em Direito Civil e Direito Canônico. Sua capacitação nesses dois campos do Direito lhe permitiu promover e realizar o Sínodo da Bahia, em 1707, seguindo de perto as orientações do Concílio de Trento (1545-1563). A primeira metade do século XVIII é marcada pela tentativa de uma reforma e renovação eclesiástica: reforma do clero diocesano, das Ordens religiosas, das confrarias, em suma, de toda a Igreja do Brasil.

¹⁴ RUBERT, Arlindo, *Expansão territorial e absolutismo estatal (1700-1822)*, vol. III, *Op. Cit.*, pp. 357-358.

¹⁵ RUBERT, Arlindo, *Expansão territorial e absolutismo estatal (1700-1822)*, vol. III, *Op. Cit.*, p. 227.

dos Homens Pardos da vila do Recife ao Bem-aventurado Gonçalo Garcia os leva a instalar naquele convento uma devoção até então desconhecida. A *Summa Triunfal*, obra publicada em 1753 narrativa escrita por um ex-franciscano, Sotério da Silva Ribeiro, revela estratégias sociais para superar a barreira da separação pela cor.¹⁶ O texto apresenta a evolução que antecede e se desenvolve a festa celebrada pelos *homens pardos* de Recife, em 1º de maio de 1745, para homenagear e fundar a Irmandade do Bem-aventurado Gonçalo Garcia. Essa devoção teria sido introduzida no Brasil pelos Jesuítas. Segundo eles, esse Bem-aventurado, natural da Índia, precisamente de Baçaim, era da cor *parda*. Segundo Sotério da Silva Ribeiro¹⁷, o mulato Antônio Ferreira, comerciante e morador da vila do Recife, foi a Portugal e, retornando a Pernambuco, ele trouxe consigo uma imagem do Bem-aventurado Gonçalo Garcia, pois Antônio, ele próprio, também era mulato. Após a morte de Antônio Ferreira, a imagem ficou sob a guarda de várias pessoas, o último a guardá-la foi o síndico¹⁸ do convento franciscano do Recife. Duvidando que Gonçalo Garcia seria de cor *parda*, os homens *pardos* do Recife foram consultar um franciscano versado em história, frei Antonio de Santa Maria Jaboatão. Esse confirmou a cor do santo e lhes explicou que, tendo nascido na Índia, de pai português e mãe da Índia Oriental, Gonçalo Garcia “tinha a cor parda; razão suficiente para que os mulatos de Recife o tivessem adotado como protetor de sua cor”. Os homens pardos instituíram imediatamente seu culto em Recife. Eles organizaram uma comemoração sem precedente na história das confrarias de Pernambuco. Havia um grupo considerável de *pardos* em

¹⁶ SILVA RIBEIRO, Sotério da, *Summa Triunfal da nova, e grande celebridade do glorioso, e invicto martyr, o beato Gonçalo Garcia, pelos homens pardos de Pernambuco, dedicado ao Sr. Capitão José Rebello de Vasconcellos pelo seu autor Soterio da Silva Ribeiro, com a colleção de varios folguedos e danças e a oração panegyrica que recitou o padre Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão na igreja do Sacramento de Pernambuco no dia 1 de maio de 1745*. Lisboa: Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustíssima Rainha nossa Senhora, 1753.

¹⁷ JABOATÃO, Fr. Antônio Maris de, *Novo Orbe seráfico brasílico*. Rio de Janeiro, Typ. Brasiliense, de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858-1862, t. I, 1, p. 369-370; SILVA, Inocêncio Francisco de, *Dicionário bibliográfico português*, Lisboa: Imprensa Nacional, t. IV, pp. 220-221.

¹⁸ Leigo, amigo dos frades, nomeado pela coroa para administrar os bens e a economia do convento. Cada convento possuía seu próprio síndico

Recife e ele refletia, naquele momento, se ele tinham o direito a ter um santo de tal cor.¹⁹ Pela primeira vez na história da cristandade brasileira a evangelização era colocada em questão: seria possível existir um santo mulato? Questão aparentemente ingênua, mas que revelava a exclusão e a negação de um grupo notoriamente relevante na sociedade pernambucana, inclusive no seio da instituição eclesiástica²⁰.

A *Summa Triunfal* parece ser a única obra de Sotério da Sylva Ribeiro. Essa *Summa Triunfal* estudada, analisada e inserida no seu tempo suscita uma série de questões acerca das relações sociais no Brasil. Ela nos abre, assim, novos horizontes para a compreensão da formação social colonial do brasileira. A festa religiosa se imbrica com a ação política; festa caracterizada por seu aspecto carnavalesco e que nos remete às ideias de Mikhaïl Bakhtin em sua obra sobre François Rabelais no século XVI.²¹ Da mesma forma podemos dizer para o Brasil, pois a festa se tornou um espaço de sociabilidade e de sonhos de liberdade²² A circularidade das ideias, dos corpos e das cores aproximam Pernambuco, Índia e Japão.

Qual a imagem do Brasil naquela metade do século XVIII? Uum Brasil que quer renascer das cinzas, para retomar a terminologia da Academia dos Renascidos, realizada em Salvador, Bahia. Um Brasil que se interroga sobre o seu próprio rosto. Um pouco mais adiante, em 1761, surge a expressão *Novo Brasílico*.²³ Não esqueçamos que nós estamos ainda numa cristandade católica que vê tudo a partir da ótica religiosa que legitima os eventos. A intervenção de um outro

¹⁹ SILVA RIBEIRO, Sotério da, *Summa Triunfal*, Op. Cit., pp. 13-14.

²⁰ Eu sublinho o largo número dos Bem-aventurados e santos Negros e Brancos presentes na Igreja católica, mas no Brasil não havia lugar para santo mestiço.

²¹ BAKHTIN, Mikhail, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília, Edunb/Hucitec, 2a. edição, 1993.

²² PRIORE, Mary del, *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

²³ JABOATÃO, Fr. Antonio de Santa Maria, *Orbe Serafico Novo Brasílico*, descoberto, estabelecido, e cultivado a influxos da nova luz de Italia, estrella brilhante de Hespanha, Luzido Sol de Padua, Astro Mayor do Ceo de Francisco, e Thaumaturgo Portuguez Santo Antonio, a quem vay consagrado, como Theatro glorioso, e Parte Primeira da Chronica dos frades menores da mais Estreita Observancia da Provincia do Brasil, por Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão. Lisboa: Officina de Antonio Vicente da Silva, 1761.

franciscano, Frei Jaboatão, será fundamental para a compreensão da criação da « mulatês » brasileira. Antonio de Santa Maria Jaboatão, homem erudito, pregador, cronista da Província de Santo Antônio do Brasil e membro das duas Academias literárias fundadas na Bahia (1724 e 1759). Ele foi contemporâneo de Soterio da Sylva Ribeiro e cabe a ele a honra de anunciar a existência do grande número de Homens Pardos em Pernambuco.

1.1. A Summa Triunfal : um olhar local, um futuro global.

A *Summa Triunfal* é composta de três partes: a primeira descreve as festividades; a segunda tem por título *Descriçam Metrica da vida e martyrio do Glorioso Martyr S. Gonçalo Garcia*; a terceira parte apresenta as poesias recitadas por ocasião da assembleia dos eruditos de Recife em honra do Bem-aventurado. Em 19 de setembro de 1745 vários letrados se reuniram para declamar seus louvores ao Bem-aventurado São Gonçalo Garcia. A sessão literária aconteceu na igreja de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos, onde foi entronizada a imagem do santo. O ambiente foi cuidadosamente preparado para a ocasião, tecidos finos (seda e damasco) e multicoloridos davam o clima de festa. Mas a ocasião era, antes de tudo, um momento de encontro de intelectuais ávidos por demonstrar suas capacidades literárias nas métricas em honra do santo. Todas as atividades realizadas foram meticulosamente registradas e impressas na *Summa Triunfal*. Tudo foi dirigido pelo Dr. José Correa de Melo, presidente das diversas sessões. Recife e Olinda estavam representadas pelos seus mais ilustres eruditos. Todas as confrarias, Ordens religiosas e as respectivas autoridades administrativas foram convidadas. Todos responderam positivamente e estiveram presentes durante uma dezena de dias às solenidades religiosas e às assembleias « acadêmicas », nome que se deu às atividades literárias. Todos os poemas convergiam para o reconhecimento da santidade de um mestiço, objeto de uma devoção intercontinental.

O padre secular Manuel Félix da Cruz nasceu em Recife e foi vigário da paróquia de Nossa Senhora do Ó. Como Missionário

Apostólico, ele percorreu toda a diocese de Pernambuco, revelando sua capacidade de pregador. Ele foi professor público de gramática e de latim. Segundo Domingos do Loreto Couto, Manuel Félix da Cruz teria criado e sustentado um curso de latim na vila de Recife. No curso ele encorajava os alunos a seguirem a vida presbiteral.²⁴ Ele era também membro da Ordem Terceira da Franciscana Penitência, confraria composta pela classe nobre da cidade, e na qual, em 1762, ele foi eleito para compor o Conselho.²⁵

José Correia Melo, padre secular, pregador e poeta de grande reputação, também prestou homenagem ao Bem-aventurado Gonçalo Garcia.²⁶ Correia Melo era capelão da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos do Recife. No dia 19 novembro de 1745, Correa Mello presidiu a reunião solene, à época chamada de “Academia”, realizada nas dependências da igreja da qual era Correa Mello era capelão.²⁷

Outras figuras de destaque se fizeram presentes. Filipe Neri da Trindade declamou suas métricas em honra do Bem-aventurado pardo.²⁸ Ele próprio era padre pardo²⁹ e, em 1761, ele foi presidente

²⁴ COUTO, Domingo do Loreto, *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*. Présentation de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981, pp. 373-374; ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*. Lisboa: Edições Colibri, 2003, p. 159.

²⁵ PIO, Fernando, *Apontamentos biográficos do clero pernambucano (1535-1935)*, Recife, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, 1994, vol. I, p. 246.

²⁶ Esse padre nasceu em Recife, em 14 de junho de 1719. Filho do capitão Francisco Correia Gomes e Izabel da Silva Figueiredo. Ele estudou com os jesuítas e recebeu o título de Mestre em Filosofia. COUTO, Domingo do Loreto, *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*, *Op. Cit.*, p. 373.

²⁷ ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, *Op. Cit.*, p. 281; PIO, Fernando, *Apontamentos biográficos do clero pernambucano (1535-1935)*, *Op. Cit.*, vol. II, p. 562.

²⁸ ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, *Op. Cit.*, p. 439.

²⁹ Ele nasceu no dia 14 de maio de 1714. Filho de Francisco de Almeida Pessoa e Maria Botelho Campelly. Segundo Domingos do Loreto Couto, eles eram « pardos de honrado procedimento ». Conhecedor da língua latina e de poetas notórios. Ele teria se dedicado ao ensino das « humanidades » (Filosofia) na vila de Sirinhaém. Seus talentos artísticos se revelaram na música e nos instrumentos que ele dominava com maestria (rabeça, harpa e viola). COUTO, Domingo do

da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento.³⁰ A reunião de eruditos contou, assim, com um elevado número de sacerdotes seculares. Repertoriamos alguns deles, eles são os representantes de uma sociedade em transição: António Planger Aranha.³¹ Antônio Bóia Benavide,³² Inácio Duarte,³³ Francisco de Sousa Magalhães,³⁴ Inácio Ribeiro Nóia,³⁵ Antônio Pereira,³⁶ Manuel Ribeiro,³⁷ Francisco de Sales e Silva.³⁸ Seja como for, nós estamos persuadidos de que a sociedade de Pernambuco inicia uma reflexão singular sobre a realidade que os circunda. O ponto de partida está no outro lado do mundo e num tempo aparentemente distante. Rompe-se a geografia e supera-se o tempo; de Pernambuco para o Japão, de 1745 para 1597. Precisamos retomar o objeto de devoção e compreender em que consite esta particularidade que distingue a sociedade de Pernambuco.

Loreto, *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*, Op. Cit., p. 376.

³⁰ PIO, Fernando, *Apontamentos biográficos do clero pernambucano (1535-1935)*, Op. Cit., vol. II, p. 860; COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Dicionário biográfico de Pernambucanos célebres*. Recife, 1882, vol. V, p. 227; *Ibid*, vol. VI, p. 167; *Ibid*, vol. X, p. 256.

³¹ ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p. 67.

³² Ele participou da "Académie" realizada em Recife por ocasião das festividades consagradas ao Bem-aventurado Gonçalo Garcia. ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p. 97.

³³ ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p. 168.

³⁴ ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p.268.

³⁵ Nascido em Recife em 1688, ele ali viveu ainda por volta de 1757. Sua inclinação para as artes literárias se desenvolveu na poesia e na música. ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p. 305; DINIZ, Pe. Jaime C., *Músicos pernambucanos do passado*. Recife: UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), 1969, t. I, pp. 19-40.

³⁶ ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p. 322.

³⁷ Membro da Companhia de Jesus, ele foi Leitor de Teologia no Colégio da Bahia. ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p. 348.

³⁸ Capitão da armada de Pernambuco em 1745, ele participou da "Academia" realizada no Recife. ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p. 403.

1.2. Gonçalo Garcia: mestiçagem biológica.

Quem era Gonçalo Garcia? Ele nasceu em Baçaim,³⁹ na Índia Oriental, provavelmente no ano de 1557. Seu pai era um comerciante português que, por força do trabalho, se instalou em Baçaim e sua mãe era de uma distinta família da Índia. Antes de se tornar *Bem-aventurado*, Gonçalo Garcia era também um dos comerciantes mais importantes do Oriente. Circulando pelos portos mais importantes do seu tempo, ele estava sempre atento aos sermões de franciscanos que pregavam naqueles portos. Segundo Frei Jaboatão, "(...) apesar da sua condição de comerciante, ele [Gonçalo Garcia] procurava a perfeição. Ele entrou para a ordem dos franciscanos e, seguindo o exemplo dos missionários que ele tanto escutou, deu continuidade àquela tradição. Afinal, a vida missionária que o levava ao Japão também o conduz ao martírio no dia 5 de fevereiro de 1597.⁴⁰

Segundo o mesmo Frei Jaboatão, as origens de Gonçalo Garcia estão associadas a Portugal e à Índia, povos que se distinguem por suas forças bélicas e pela excelência de suas produções literárias:

...pois são estes os dois únicos polos, que constituem o sangue mais ilustre, e o varão mais aplaudido, o bem aventurado Gonçalo Garcia.⁴¹

1.3. A procissão.

A descrição da procissão em honra de São Gonçalo Garcia é grandiosa. Os detalhes do cortejo encantam pela originalidade e pelo teor de apologia à mistura dos povos. As várias alas representam os temas mais importantes para lembrar as atividades e a importância do santo mestiço. A vila de Recife para e parece estar atônita com o que vê. Os temas cuidadosamente escolhidos anunciavam definitivamente uma nova devoção católica popular. Graças a São Gonçalo Garcia,

³⁹ LABOURDETTE, J.-F.. *L'histoire du Portugal*. Paris : Fayard, 2000, p. 169.

⁴⁰ SILVA RIBEIRO, Sotério da, *Summa Triunfal*, Op. Cit., p. 47.

⁴¹ *Ibid*, p. 52.

os habitantes de Pernambuco se davam conta do poder local e do elo que unia as duas geografias: a Ásia e a América Portuguesa. Os temas eram: aplauso, meditação, zelo, martírio, mérito, prêmio, anjo seráfico, amor perfeito, poder de Deus, amor divino, sabedoria de Deus e a fé. Para finalizar, seguindo todos os temas, surgia majestosamente *Gonçalo Garcia*. Procissão dispendiosa, por esse motivo, cada ala foi patrocinada por alguma pessoa de posses da vila do Recife. Cabia aos patrocinadores prover os ricos ornamentos que embelezariam o cortejo.

A Ásia onde o Bem-aventurado havia sido martirizado em nada lembrava tristeza. Pelo contrário, o santo mestiço a apresentava a Pernambuco. Coube ao capitão Mariano de Almeida a apresentação da Ásia ao público de Recife. Abria o cortejo da Ásia uma bela mulher ricamente vestida sobre um cavalo. A mulher carregava na cabeça um diadema ornado por quatro broches de diamantes, brincos também incrustados de diamantes iluminavam suas orelhas, no pescoço um colar de diamante arrematava a riqueza da Ásia. Nos braços e dedos, a Mulher-Ásia exibia seu poder através de jóias à base de ouro e diamantes. A sua riqueza revelava a riqueza dos seus patrocinadores, os nobres de Pernambuco. Suas vestes de seda vermelha e azul, cores do martírio e do céu, combinavam com seus sapatos também em seda aveludada vermelha cuidadosamente atacados com fivelas de ouro. Tudo convergia para demonstrar a riqueza da Ásia e do patrocinador pernambucano.

O carro que levava a imagem do Bem-aventurado Gonçalo Garcia foi adornado com as cores vermelha e verde, carro resplandecente pelo cintilar do ouro. O santo foi entronizado no alto de uma espécie de pirâmide, os degraus que compunham a pirâmide pareciam convidar o público a galgá-los e a alcançar o santo. Esse carro alegórico foi conduzido pelos Negros. Estes tinham à cabeça uma espécie de cocar com plumagem branca. De um lado, uns vestidos de vermelho e, do outro lado, vestidos de branco. Seus sapatos em tecido branco com fivelas de prata. A Irmandade do Bem-aventurado Gonçalo Garcia e os demais grupos, do clero secular e religioso, seguiam no final do cortejo.

Em torno do Bem-aventurado Gonçalo Garcia, candelabros com velas e vasos de prata com flores as mais variadas exalavam perfumes. Essa era a característica simbólica da santidade. Os responsáveis por essa ala foram Manoel dos Santos e Francisco Correya, membros da Irmandade do santo homenageado.

Mais do que um evento local, Irmandades demonstravam a força de suas redes associativas. Em Salvador, capital da América Portuguesa, os *Homens Pardos* também realizaram festejos em honra de Gonçalo Garcia. As festividades na Bahia aconteceram de 24 a 26 de novembro de 1745. O padre secular Pedro Fernandes de Azevedo⁴² realizou as pregações durante três dias⁴³. Todavia, o sermão principal da festa coube ao franciscano frei José dos Santos Cosme e Damião, conhecido pelos seus talentos de oratória.⁴⁴ As pregações aconteceram na igreja dos jesuítas, fundadores da devoção. A devoção aos santos parece confirmar que a santidade na Igreja extrapola as instituições, ela está à serviço da Igreja e da sua evangelização. Em um dos seus sermões aos *Homens Pardos* da Bahia, no dia 24 de novembro, Pedro Fernandes insiste sobre a ideia de que a beleza do mundo reside na sua diversidade, que permite a união das partes mais remotas do mundo: união da Ásia com a América, da Índia com o Brasil e da vila de Baçaim com aquela

⁴² Pedro Fernandes de Azevedo estudou no colégio dos jesuítas onde ele obteve o grau de Mestre em Artes - Filosofia. Ele entrou no clero secular e entre seus trabalhos sacerdotais, ele foi vigário da paróquia de São Felipe Nery de Maragogipe durante uma dezena de anos e em seguida ele foi capelão do Regimento da soldadesca da Bahia. ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p. 74.

⁴³ AZEVEDO, P. Pedro Fernandes de, *Sermão do admirável martyr do Japão S. Gonçalo Garcia*, Prégado no primeiro dia do Triduo, que lhe consagrãrão os Homens Pardos na Sé Cathedral da Cidade da Bahia aos 24 de Novembro de 1746. E dedicado ao Illustrissimo Senhor Manoel de Saldanha, Sendo Protector da mesma solemnidade, Por seu Author O Padre Pedro Fernandes de Azevedo, sacerdote do Habito de S. Pedro. Lisboa: Officina de Miguel-Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1747.

⁴⁴ Nascido na Bahia em 1694, esse franciscano professou seus votos em Igarassú, Pernambuco, no anos de 1710. Ele foi Leitor de Artes (Filosofia), de Retórica e de Teologia. Exerceu vários cargos na Província franciscana, entre eles o de Guardião e de Definidor. Ele foi também Examinador Sinodal no bispado de Pernambuco e do arcebispado da Bahia como também exerceu o cargo de Qualificador do Santo Officio. ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial*, Op. Cit., p. 163.

da Bahia. Dirigindo-se aos fiéis, o pregador retoma o mesmo discurso do Recife, a aspiração dos *Homens Pardos* de “*ter um santo de sua cor, de sua carne e de seu sangue*”, promessa realizada por Deus em seu servidor o Bem-aventurado Gonçalo Garcia.⁴⁵

II – O sermão de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão.

No dia 12 de setembro de 1745, Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão prega aos Homens Pardos de Recife. Esse é o seu sermão mais longo : ele conta 56 páginas. Seu ponto de partida é Lucas 6, 22-23

Bem aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas.

O objeto do sermão demonstrará que a palavra *Pardo*, qualificada e considerada como má, tornou-se uma palavra boa. O sermão foi impresso pela primeira vez em 1751, e compilado posteriormente a outros sermões, pregados em outras ocasiões e em geografias distintas⁴⁶

O pregador franciscano sublinha que seu “*discurso será Histórico, Geográfico, Político e Apologético*”.⁴⁷ Segundo Frei Jaboatão, um sermão tem de ter um tema, e este que ele pronunciará, pela solenidade e circunstância que se apresenta, soa como uma profecia: “*Hoje toda honra e glória seja dada àquele que se assemelha a todos os mulatos porque ele tem a mesma cor*”. Frei Jaboatão continua

⁴⁵ ALMEIDA, Palmira Morais Rocha, *Dicionário de Autores no Brasil colonial, Op. Cit.*, pp. 74-75.

⁴⁶ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*. Corrente Primeira Panegyrica, e Moral, oferecida, debaixo da Protecção da Milagrosa Imagem do Senhor Santo Amaro, venerada na sua Igreja Matriz do Jaboatão, ao illustrissimo e excellentissimo Senhor Luiz Jozé Correa de Sá, Governador de Pernambuco, por Fr. Antonio de S^{ta} Maria Jaboatam, Filho da Provincia de Santo Antonio do Brasil. Lisboa: Officina de Antonio Vicente da Silva, Anno de 1758, p. 168.

⁴⁷ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido, Op. Cit.*, p. 167.

lembrando à assembléia que antigamente os mulatos eram desdenhados porque eles não tinham nenhum santo que representasse a cor deles, a cor Parda. Ele confessa que outrora essa palavra *Pardo* representava o que há de mais vil no mundo, que esta palavra era tomada e empregada frequentemente para condenar e injuriar. Frei Jaboatão constata que os Pardos eram acusados de, pelo fato de serem Pardos, não terem nenhum santo da respectiva cor canonizado, de não terem um protetor que pudesse também santificar aquela cor. Por isso, “ (...) hoje [1745], escreve ele, tudo aquilo [injúrias, difamações, acusações] não tem mais sentido porque apareceu um santo de vossa cor e já canonizado”. A palavra *Pardo* não é mais motivo de desdenhamento, ao contrário, ela os associa a glória restauradora trazida pelo Bem-aventurado Gonçalo Garcia. Enviado por Deus, ele é um santo de cor Parda, ele é o Restaurador e Redentor das calúnias sofridas pelos mestiços. Para Frei Jaboatão, Gonçalo Garcia restaurou não somente a cor como também a significação da palavra *Pardo*.⁴⁸

Frei Jaboatão estava convencido de que a falta de um santo protetor com a mesma cor dos homens pardos sempre foi o motivo das acusações, das desconfianças e das calúnias dirigidas a esses homens. O pregador franciscano observava o fato de a diferença da cor ter um papel preponderante no Brasil, como se a cor, raciocina ele, pudesse definir a essência do sujeito.⁴⁹

A analogia que o pregador faz a partir do NOME é interessante porque ele nos remete a um argumento utilizado para refutar o preconceito contra a palavra *Pardo*. Frei Jaboatão retoma a etimologia do adjetivo *cristão* para explicar que o sentido dado a uma palavra revela tudo o que ela é : um contexto pode esclarecer a palavra. A palavra *cristão* designava aquele que seguia o Crucificado, o Cristo; naquele momento preciso aquela palavra só significava um ato de pertença. Portanto, explica Frei Jaboatão, no início do cristianismo a palavra *cristão* foi mal compreendida e interpretada pelos opositores de Cristo. Segundo

⁴⁸ *Ibid.*, p. 168.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 169.

Jaboatão, os cristão que são insultados, injuriados e perseguidos, éo Cristo que também o é, pois Ele é a significação do Nome cristão. Por analogia, o mesmo Jaboatão afirma que os Pardos que sofrem acusações ímpias e são insultados, é a São Gonçalo que acusam e insultam, pois ele é a significação do *Nome Pardo*. Neste sentido, São Gonçalo Garcia é o santo o mais ofendido pelas calúnias que são dirigidas contra os *Homens Pardos*. Frei Jaboatão está persuadido que é preciso superar e derrubar as mentiras dos detratores dos *Pardos*, pois para ele ser *Pardo* não tem em si nenhuma significação má, e ele irá provar pelas Sagradas Escrituras que, ao contrário, ser Pardo é a causa final da alegria e da glória deste povo.⁵⁰

A cor da pele incomodava as pessoas, todos tratavam esse tema de uma maneira vulgar e desrespeitosa. O pregador confessava a sua perplexidade em face a esse comportamento da sociedade. Frei Jaboatão testemunha que ele já tinha escutado alguém que duvidava da verdadeira santidade de Gonçalo Garcia. O motivo da dúvida era a desconfiança que residia no fato de ele ter uma origem mestiça.⁵¹

Os impasses sociais vividos pelas gentes de cor “Parda” pareciam inquietantes. Frei Jaboatão considerava o seu tempo particularmente difícil para os *Pardos*. Eles aguardavam um santo também pardo, pois as atribuições impostas pela sociedade cada vez os atormentavam:

Os Pardos esperaraõ menos hum Santo da sua cor, do que na presente occasiaõ; e nunca tanto como agora os apuraraõ, e apertaraõ mais as tribulaçoens dos calumniadores do seu Nome.⁵²

“Hoje é o tempo, é o dia aguardado.” As palavras do pregador evidenciam uma “espera” aguardada há muito tempo por Frei Jaboatão e por aqueles que o escutavam. Ele sublinha que as Bem-aventuranças não acontecerão apenas no céu, mas desde aqui embaixo, na terra. As Bem-aventuranças que fala o Senhor, diz ele, não são aquelas da Pátria

⁵⁰ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*, *Op. Cit.*, p. 170-172.

⁵¹ *Idem.*

⁵² *Idem.*

celeste, mas aquelas que se podem ver neste mundo. Frei Jaboatão não pretende falar das bem-aventuranças vividas por Gonçalo Garcia no céu. Ele supõe que a assembléia já escudou falar delas. Para Frei Jaboatão o mais importante é insistir sobre a polêmica da cor parda do santo; cor, aliás, que incomoda e que causa repugnância na maior parte da população. É a cor mulata, diz o pregador, que deve ser declarada Bem-aventurada

(...) venho mostrar como o Beato Gonçallo Garcia he Pardo por nascimento, e descendencia, e declarar que a sua côr parda não só he tam bemaventurada, e ditosa como as demais; mas ainda alguma coisa mais.⁵³

Segundo Frei Jaboatão, há temas que é melhor não falar sobre eles. O motivo da sua observação é simples: a diversidade da assembléia que o escuta. Por outro lado, segundo ele, não existe conteúdo que não possa ser apresentado e analisado. O franciscano está convencido que ele não pode satisfazer toda a assembléia haja vista a diversidade de compreensão e de julgamento. O tema do seu sermão ele conhece bem, ele se fundamentará nos autores os mais eloquentes que já expuseram em seus livros sobre o tema da diversidade da scores das gentes no mundo. A tarefa mais árdua, diz ele, será a de conjugar a forma, a composição e a retórica para expor aos habitantes do Recife.⁵⁴

Frei Jaboatão começa então a descrever a vila de Baçaim, uma das vilas mais nobres da Índia, diz-se que toda a nobreza portuguesa tem uma extensão em Baçaim. Isto explicaria porque as pessoas a chamam de “Don Baçaim.” Paradoxalmente – diz ele – nenhum título de nobreza nunca foi outorgado ao Bem-aventurado Gonçalo Garcia, ao menos nenhum autor o menciona:

Só nos dizem, que hum era Portuguez, e por consequencia branco, e outro natural da terra, e consequentemente negro ; esta era a mãy, natural

⁵³ JABOATÃO, *Op. Cit.*, pp. 172 e 173.

⁵⁴ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*, *op. cit.*, p. 174.

de Baçaim, e aquelle o pay, filho de Portugal : Assim o trazem, além dos Escritores da Ordem, o Agiologio Lusitano, ou Calendario Portuguez, do Licenciado Jorge Cardoso, no dia cinco de Fevereiro.⁵⁵

Visto que a conquista portuguesa de Baçaim aconteceu em 1534 e que o Bem-aventurado Gonçalo Garcia havia morrido em 1597, Frei Jaboatão supõe que ele teria, quando morreu, a idade de 63 anos. Parece-lhe, portanto, existir uma relação estreita entre a conquista de Baçaim e a mestiçagem biológica de seus habitantes com os Portugueses. Frei Jaboatão não encontrou muitas notícias sobre o início da vocação de Gonçalo Garcia, nem tampouco o ano exato da sua entrada na Ordem franciscana. Entretanto, é certo que em 1593 Gonçalo Garcia já era franciscano; neste ano, ele integrou a embaixada franciscana enviada por Filipe II ao imperador japonês Taycozame. Gonçalo Garcia conhecia e falava a língua japonesa muito bem; motivo pelo qual, segundo Frei Jaboatão, ele tinha sido escolhido para integrar o grupo missionário enviado ao Japão. Esta embaixada franciscana não realizou apenas uma tarefa política como também implantou uma atividade evangelizadora. A embaixada político-religiosa franciscana conseguiu ligar a Espanha e o Japão, efetivando também a implantação da Ordem no Japão.⁵⁶ Com base em fontes não apresentadas, Fr. Jaboatão afirma que Gonçalo Garcia teria escrito cartas encorajando os cristãos japoneses a permanecerem firmes na fé e que essa prática escriturária, juntamente com outras práticas evangelizadoras, teriam motivado o início de uma perseguição sistemática aos franciscanos e aos japoneses convertidos. Para Fr. Jaboatão, a evangelização e as conversões japonesas seriam, portanto, as causas do martírio do Bem-aventurado gonçalo Garcia. O desfecho da evangelização franciscana foi trágica, no dia 5 de fevereiro de 1597, 5 franciscanos, três jesuitas e vinte e três japoneses convertidos pelos franciscanos foram crucificados, tal qual os primeiros cristãos.⁵⁷

⁵⁵ *Ibid.*, pp. 175-176.

⁵⁶ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*, *Op. Cit.*, pp. 176-177.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 178.

Frei Jaboatão retoma a questão da cor. Agora para associá-la à mãe do Bem-aventurado. Todos parecem incomodados quanto ao fato da cor Parda do santo. Os escritores, informa Frei Jaboatão, dizem que ela era natural de Baçaim. Ele, Frei Jaboatão, acrescenta que ela era de cor Negra. Frei Jaboatão estava convencido que seu discurso poderia ser como uma apologia da cor *Parda* do Bem-aventurado Gonçalo Garcia haja vista que ele descendia de uma Negra e de um Branco. Este ponto lhe parece fundamental e perturbador. Por esse motivo, é necessário um procedimento introdutório para melhor definir a palavra Pardo não somente no sentido clássico, mas também no sentido comum e popular, diz ele. Ele escolheu seguir a definição dada por Raphaël Bluteau : “Mulato é aquele que é filho de um branco e de uma negra”, assim, Pardo tal como nós o dizemos. O mesmo autor diz que a palavra Pardo qualifica aquele que não é nem branco nem negro, portanto, o Pardo participaria de duas cores e a palavra que melhor o definiria seria a palavra *mestiço* que, segundo Bluteau, quer dizer a mesma coisa, porque significa *metade-metade*.⁵⁸

Nenhuma dúvida que Gonçalo Garcia seja mulato, as origens de seus pais são evidentes. Seu pai, um português branco. Difícil é aceitar a origem da sua mãe. A partir das resistências locais em relação à cor da mãe do santo, Frei Jaboatão levanta uma série de questões concernentes à cor dos habitantes da Índia. Na Índia, em Goa e no Reino de Malabar todos são negros.⁵⁹

O pregador provoca a assembléia remetendo à legitimidade da condição mestiça de Gonçalo Garcia. Para o povo, ter os cabelos cacheados e a cor mulata seria sinônimo de Etíope. A lógica do povo é que os habitantes das Índias não tinham os cabelos cacheados, assim, eles não poderiam ser considerados negros. Portanto, o santo não poderia ser considerado nem negro nem pardo porque ele não possuía cabelos cacheados. Os Homens Pardos ou Mulatos do Brasil têm os cabelos

⁵⁸ *Idem, Ibid.*, pp. 178-179.

⁵⁹ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*, *Op. Cit.*, pp. 179-181.

cacheados, o que significaria que a mestiçagem aqui estabelecida teria acontecido por outro elo, a saber, entre o branco e a negra africana.⁶⁰

As pessoas continuavam a se interrogar sobre as origens e o desenvolvimento de um tal fenômeno, o da mestiçagem, da qual a Ásia parecia até então ter sido poupada. Seja como for, o tema incomoda a todos. Mais ainda, a assembléia desconhece como esta cor havia entrado na vila do Recife, onde havia um esforço de manter uma genealogia imaculada e inquebrantável.⁶¹ O sangue e o nome, os dois principais atributos que ninguém podia colocar em questão, de repente, se tornaram o centro das discussões. Mas, de uma hora para outra todos se viam tocados pelas evidências que começavam a saltar aos olhos. Frei Jaboatão tentava chegar ao ponto nevrálgico da questão escondida: a da cor.⁶² As evidências sublinhadas são primeiramente o cabelo. Em seguida, outro aspecto perturbador que a palavra Mulato remete era a possibilidade de uma origem Etíope. A palavra Etíope designava a origem africana e conseqüentemente à escravidão. Estes argumentos são falsos, afirma veemente o pregador. Frei Jaboatão recorda o exemplo de um povo *mozambicain* revelado por um outro franciscano, João dos Santos, na sua obra *Ethiopia Oriental*. Segundo José dos Santos, existe em Brava e em Magadacho, duas grandes vilas, uma nação de etíopes Machacatos. Eles são negros como azéviche (bastante negros) e eles têm os cabelos lisos, entretanto, eles são verdadeiros etíopes negros. Na Índia, nas Filipinas, em Molucas, Sandoval afirma que há negros com cabelos cacheados semelhantes aos habitantes da Guiné, os primeiros não são originários da África nem da Etiópia. Portanto, os cabelos cacheados não são uma característica de todos os negros.⁶³ Neste

⁶⁰ *Ibid.*, p. 184.

⁶¹ MELLO, Evado Cabral de, *O Nome e o Sangue*. Uma parábola familiar no Pernambuco colonial. 2ª ed., Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

⁶² SCHWARTZ, Stuart B., *Da América Portuguesa ao Brasil*. Estudos Históricos, (Trad. Nuno Mota). Lisboa: Difel, 2003, pp. 217-271.

⁶³ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*, *Op. Cit.*, p. 185.

momento da exposição, Frei Jaboatão retoma Heródoto que também é utilizado pelo padre Antonio Vieira em sua *História do Futuro*.⁶⁴

A mãe do Bem-aventurado Gonçalo Garcia é “uma verdadeira etíope”, afirma Frei Jaboatão. Segundo ele, todos devem saber que a primeira parte do mundo que recebeu o nome de Etiópia foi a Índia Oriental, assim o afirmam alguns autores, dentre eles, Santo Epifânio, Santo Anastácio de Nicéia, todos citados por Solorzano em sua obra *Jure Indiarum*. Caso os assitentes pensem que ele, Frei jaboatão, está exagerando, basta lembrar o lugar ocupado pela Índia Oriental e pela Etiópia na Bíblia. Esta Índia Oriental, segundo os autores mais importantes, dizem que ela se estendeu até o Japão e à China.⁶⁵ O primeiro etíope ou negro que homenageou Deus feito homem foi Gaspar, o Rei de Vrangnor na costa do Malabar, acrescenta ele.⁶⁶

Pouco a pouco, Frei Jaboatão esclarece o que ele quer enunciar. Ele se vale das palavras empregadas pelos portugueses para designar a cor das Índias da Índia Oriental: *trigueiros*, *baços*, *morenos*; outros autores as chamam de *Cafres* ou *Canarios*, estes são diferentes daqueles, havia notado Raphael Bluteau.⁶⁷ A cor dos Índios da América é diferente daquela dos Indianos da Índia Oriental, “os nossos são vermelhos, eles são negros”⁶⁸

Frei Jaboatão quer convencer a assembléia da cor Parda de São Gonçalo Garcia. Ela é fruto da união das cores branca e negra, diz ele. É verdade, continua ele ainda, que são estas duas cores que devemos a formação dos principais povos do mundo. É verdade também que a cor Parda tem alguma coisa a mais. A cor Mulata, diz ele, está na origem de numerosos povoamentos (Gn 13, 20 ; 26, 20). Frei Jaboatão qualifica

⁶⁴ “*Hi Aethiopes, qui sunt ab ortu solis sub Pharnarsatre, censebantur cum Indes specie nihil admodum caeteris differentes, sed sono vocis duntaxat, atque capilatura ; nam Aethiopes, qui ab ortu solis sunt, permixtos crines, qui ex Africa crespissimos inter homines habent.*”, JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*, *Op. Cit.*, pp. 185-186.

⁶⁵ *Ibid.*, pp. 188-189.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 190.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 192.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 194.

Ismael de Pardo porque ele era filho de Abraão (homme blanc) e de Agar egípcia negra, sua escrava (Gn 16, 1). De Ismael descendem os Pardos e eles excedem em número os brancos e os negros. Há muitos reis brancos e negros, mas os reis Pardos são mais numerosos. Ismael se casou com uma egípcia e eles tiveram doze filhos, todos os seus filhos se dispersaram na África e se tornaram reis poderosos, como afirmam os textos sagrados (Gn 25, 16). Estes descendentes são conhecidos como Ismaelitas, Agareus, Mauritanos (Mauritânia) ou *Mauron* que quer dizer quase negro.⁶⁹ As primeiras monarquias foram, portanto compostas por Pardos. Nemrod, sexto filho de Chus, yimha a cor negra do lado do pai e branca do lado da mãe (Gn 10). Da mesma forma, pode-se dizer de Davi que, ao desposar a rainha de Sabá, rainha negra da Etiópia, deram ao mundo o rei Salomão. Este, poranto, era *parido*, pois era fruto de pai branco e mãe negra. Para corroborar a sua lógica, Fr. Jaboatão relembra que o papa Clemente VII e o rei D. Manoel receberam uma embaixada de um rei etíope, o que se orgulhava de ser descendente de Davi. Certamente para surpresa da assembléia que o escuta, Fr. Jaboatão anuncia que os pardos são, portanto, numerosos e poderosos, eles são descendentes de realezas sagradas.⁷⁰

Frei Jaboatão nos dá informações esclarecedoras sobre a sociedade e a Igreja de Pernambuco, onde, segundo ele, encontram-se muitos pardos:

sem sairmos do nosso Brasil, e ainda de Pernambuco, podíamos fazer de todos huma boa lista, se assim como lhe sabemos os nomes, não achassemos alguns com côres mudadas. Na Jerarchia Ecclesiastica tambem tem a côr Parda sujeitos assinalados : Sacerdotes sem numero, Curas, Vigarios, e outros ainda de mayor Jerarchia também, sem irmos muito longe de Pernambuco, podíamos de todos fazer hum catalogo muito bom, huns, que conhecemos, outros, que talvez se não conheçerãõ.⁷¹

⁶⁹ *Ibid.*, pp. 198-201.

⁷⁰ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*, op. cit., p. 205.

⁷¹ *Idem.*

As constatações de uma plêiade de nobres mestiços são então apresentadas: entre os letrados, homens notáveis, como o padre Manoel Gonçalves, nascido em Pernambuco, doutor formado na universidade de Coimbra. Ele foi aplaudido na corte portuguesa e estimado por dom Pedro II como homem virtuoso e humilde. O mesmo rei quis nomeá-lo bispo de São Tomé, mas Manoel Gonçalves não aceitou. O padre Domingos de Sá e Silva, também de Pernambuco, doutor nos dois Direitos (civil e canônico) pela mesma universidade. Ele foi advogado da Casa da Suplicação. Existem muitos outros eruditos poderíamos nomear, diz Frei Jaboatão; virtuosos e santos tal como é o caso do irmão Inácio, falecido em 1744 na Bahia e muito admirado; o venerável padre Pedro Soares Pereira, nascido no Rio de Janeiro e passado a Gênova, na Itália.⁷² Fr. Jaboatão explicita então a sua opinião sobre a cor parda, ela é a mais perfeita de todas as cores:

...saiba agora a côr preta, e mais a branca, que a côr Parda não só he taõ bemaventurada, e ditosa como ellas, pois ja tem tambem Santos da sua côr, mas saiba que ainda o he alguma cousa mais ; e saiba que esta mayor dita, e bemaventurança vem á côr Parda, por isso que Parda. Porque a côr Parda, por isso que he Parda, he mais perfeita que a branca, e que a preta. Tudo havemos ver sem offensa das partes, e por principios, natural, Filosofico, Theologico, Moral, e Divino ou da Sagrada Escritura.⁷³

A finalidade da cor Parda é a de restaurar a cor negra.⁷⁴ Aqui se encontra a ideologia subjacente no sermão de Frei Jaboatão. Segundo ele, a natureza se encarregará de misturar as cores, ela possibilitará à cor negra e a cor branca toda a sua perfeição:

Mas como a natureza sempre aspira a aperfeiçoar-se, e mais a mais, cõmunicando-se, ou misturando-se a cor preta com a branca, por meyo da mesma natureza, assim se vai com a branca

⁷² *Ibid.*, pp. 206-207.

⁷³ JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*, Op. Cit., p. 208.

⁷⁴ *Idem.*

aperfeiçoando-se a preta, até tornar ao seu principio, e ficar no seu natural.⁷⁵

A mestiçagem seria, portanto, para Frei Jaboatão, o meio para alcançar a perfeição. A condição de Pardo de São Gonçalo Garcia seria uma luz para consolidar o fundamento da santidade e da perfeição.⁷⁶ Neste sentido, Frei Jaboatão segue padre Antonio Vieira. A lógica do seu discurso vieirista é a criação do novo homem. Deus criou o primeiro homem do barro vermelho: *Adam, id est Ruber*. Assim, raciocinava o padre Antônio Vieira para descrever Adão.⁷⁷ Segundo o franciscano, Deus não quis dar ao primeiro homem nem a cor branca nem a negra. Por quê? Interroga-se Frei Jaboatão. A resposta, diz ele, é por que a cor Parda é a mais perfeita. Deus teria escolhido a cor vermelha como a mais apropriada para a criação do homem. Esse dado bíblico estaria, segundo o raciocínio de Frei Jaboatão, revelando a opção de Deus pelos homens de cor Parda:

Naõ quiz Deos que aquela côr fosse alguma das extremas, quaes são a branca, e a preta, senaõ outra côr meya, e mista, que se compuzesse de ambas, qual he a vermelha.⁷⁸

A leitura do sermão jaboatiano no Recife, em 1745, não é um legado do passado e muito menos um discurso meramente retórico. Trata-se da sociedade brasileira, certo, mas podemos estendê-la a todas as partes do mundo. A cor *parda* é um ponto de partida para se repensar as diferenças entre os Homens e as resistências sociais a tudo o que não se enquadra no pensamento hegemônico. Se no passado, o grupo dos *Homens Pardos* existiam e eram injuriados e difamados, relegados à condição de inferiores, quantos grupos sociais contemporâneos também não passam pelas mesmas condições.

Se a mistura dos grupos étnicos tem cores múltiplas, os rostos

⁷⁵ JABOATÃO, *Op. Cit.*, p. 209.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 210.

⁷⁷ Serm. 20 do Rosario, p. 165, § 177. Cf. JABOATÃO, Fr. Antônio de Santa Maria, *Jaboatão Mystico em correntes sacras dividido*, *Op. Cit.*, p. 211.

⁷⁸ JABOATÃO, *Op. Cit.*, p. 211.

desfigurados pelas injúrias as mais sórdidas de hoje não escolhe cor, gênero nem idade. O sermão em honra ao Bem-aventurado Gonçalo Garcia nos revela surpreendentemente que o Brasil, em 1745, começa um novo percurso de autonomia individual e coletiva. Paradoxalmente, entre a verdade histórica e a mentira social, parece que nos ocultamos no presente para esquecermos o passado, ou, quando muito, falarmos sem compromisso de um passado/presente.